

**II Fórum Especial Internet
Brasil - Síndrome Macroeconômica, Competitividade e Crescimento
28 e 29 de março de 2007**

COMENTÁRIO

**David Kupfer – Professor e Coordenador do Grupo de
Indústria e Competitividade - GIC-IE/UFRJ
Laura Carvalho – Mestranda e Pesquisadora do GIC-IE/UFRJ**

27 de março de 2007

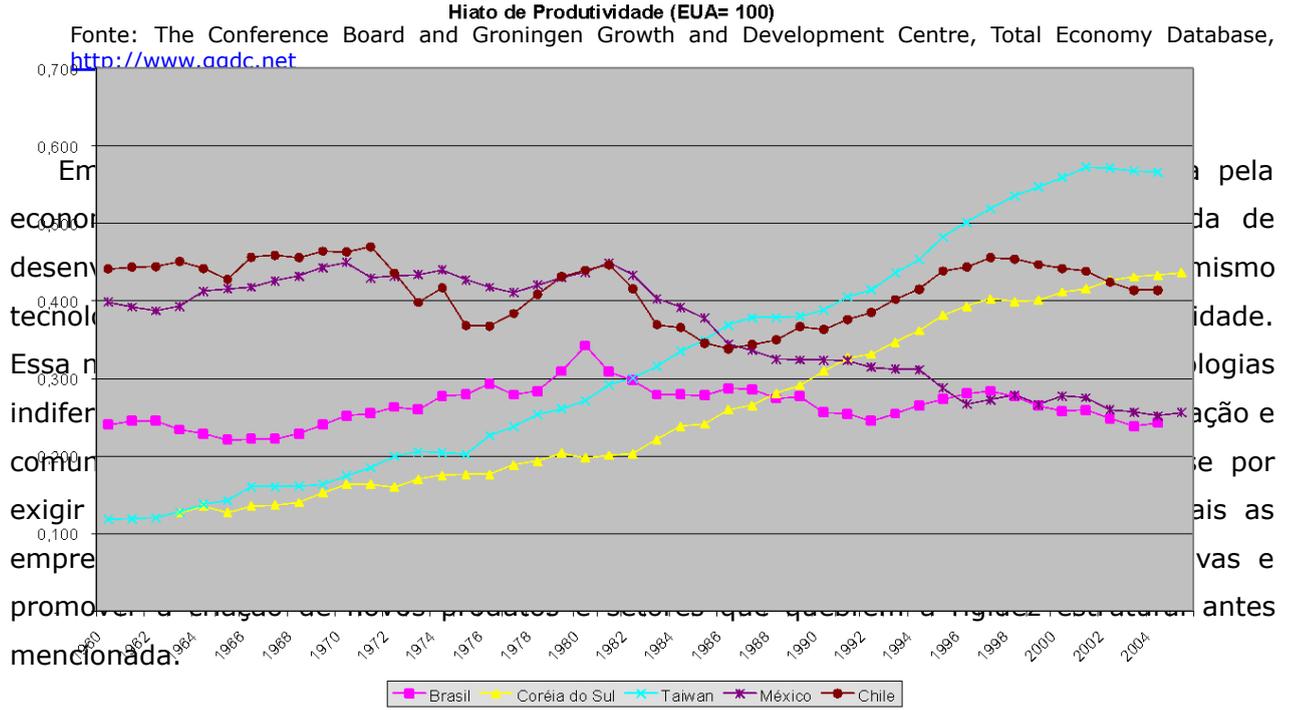
Os estudos "O Aumento das Importações entre 2003 e 2006" de Fernando Puga e "Balança comercial e câmbio: o que está ocorrendo e o que se pode esperar" de Ricardo Markwald e Fernando Ribeiro apresentam uma análise criteriosa do desempenho da balança comercial brasileira, competentemente documentada com dados úteis para o diagnóstico da complexa, e para alguns, polêmica, realidade industrial brasileira atual. Dentro desse escopo, ambos os estudos dão uma contribuição valiosa para uma melhor compreensão dos limites e desafios que o atual cenário econômico impõe ao desenvolvimento brasileiro ao mesmo tempo que suscitam novas questões sobre as quais parece valer a pena traçar algumas reflexões .

Por meio da observação da evolução de diversos indicadores descritivos do desempenho comercial recente, os autores chegam a um elenco de conclusões, que podem ser sintetizadas em três idéias centrais. Primeiro, os números são claros em mostrar que não há no Brasil indícios relevantes de "primarização" da pauta de exportações. Segundo, a ampliação recente do quantum importado não se deu às custas de substituição da produção doméstica haja vista que muitos dos setores nos quais as importações cresceram mais velozmente são os mesmos que ampliaram a produção em maior intensidade. Terceiro, não há qualquer evidência de que um processo de "desindustrialização" tenha ocorrido na economia nacional. Em síntese, mesmo diante de uma provável desaceleração no ritmo futuro de crescimento das exportações, os resultados indicam uma situação de calma no "front" comercial brasileiro, dando suporte à conclusão de que é improvável o retorno a um quadro de vulnerabilidade externa semelhante ao do passado recente. De fato, considerando-se a magnitude do ajuste já operado nas contas externas brasileiras, o país é hoje certamente muito menos dependente do influxo de divisas originadas no comércio internacional para assegurar a bonança nas contas externas e os enormes benefícios macroeconômicos daí advindos.

Cabe salientar, porém, que o pessimismo que Markwald e Ribeiro percebem em alguns analistas com relação ao atual quadro econômico brasileiro – a síndrome macroeconômica, tema desse Fórum - não é exatamente com as perspectivas sobre o nível futuro do saldo comercial. As preocupações desses analistas direcionam-se para o potencial efetivamente existente no país para a incorporação na estrutura produtiva brasileira de novos setores, notadamente aqueles de maior conteúdo tecnológico, de maior elasticidade-renda e de maior nível e taxa de crescimento da produtividade. São essas atividades produtivas que poderão dinamizar a economia nacional e recolocá-la na tão desejada trajetória de crescimento acelerado.

O ponto central a ser enfatizado em uma avaliação mais abrangente da atual situação vivida pela economia brasileira é o fato de que a composição estrutural da produção e das exportações brasileiras é fundamentalmente a mesma desde a década de 1980. A grande exceção, corretamente apontada por Markwald e Ribeiro, foi o crescimento da participação do petróleo (combustíveis) na estrutura produtiva e na pauta de exportações do país, fenômeno que pode ser atribuído ao fato de que, diferentemente do restante da indústria brasileira, o setor petrolífero somente foi alvo de substituição de importações tardiamente, já no decorrer da década de 1990. Cabe destacar que as chamadas commodities, como celulose, metalurgia, siderurgia, petroquímica, minérios, soja, etc., incorporados à matriz industrial ainda na década de 1970, têm alta produtividade, mas atualmente se caracterizam por um lento crescimento dessa produtividade, na medida em que não têm surgido inovações que afetem mais radicalmente os seus processos produtivos. Desta forma, a trajetória de mudança estrutural ocorrida na década de 1980, conseqüente à incorporação destes setores na matriz produtiva, apesar de ter gerado à época um aumento significativo no patamar de produtividade da indústria brasileira, há muito não é mais capaz de sustentar esse desempenho.

Com relação a esse aspecto, o gráfico abaixo mostra a evolução da produtividade do Brasil e de alguns países selecionados relativamente à produtividade norte-americana, suposta como tendo o valor de referência igual a 100. Observa-se que Brasil, assim como México e Chile, apresenta hoje um nível de produtividade relativa decrescente, em oposição ao que vêm ocorrendo na Coreia do Sul e em Taiwan. A explicação mais plausível para esse fenômeno está certamente associada aos diferentes padrões de especialização prevalentes nessas economias.



É nesse sentido que uma combinação equivocada de juros altos e câmbio valorizado, agravado pelas conhecidas deficiências de infra-estrutura física, educacional e tecnológica que se acumulam no país, cobra um preço elevado em termos do potencial de desenvolvimento desses novos setores, ainda mais quando se sabe que são indústrias nascentes, com baixa de capacidade de resposta em ambientes econômicos hostis.